

Redacção e administração
R. de S. Martinho
Aveiro

POVO DE AVEIRO

Officina de impressão
R. de S. Martinho, AVEIRO
EDITOR, João Pinto Evangelista

SEMANARIO REPUBLICANO

Numero 61

ASSIGNATURAS
AVEIRO—Um anno, 15200 réis. Semestre, 600. Fóra de Aveiro, um anno 15300. Semestre 650 réis. Brazil e Africa, anno 23500. Semestre, 13500 réis (fortes).
PAGAMENTO ADIANTADO

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS

Publicações
No corpo do jornal, cada linha, 40 réis. Anuncios, cada linha, 30 réis. Permanentes, mediante contrato.
Os srs. assignantes tem desconto de 30 por cento.
NUMERO AVULSO, 30 REIS

2.º Anno

A questão clerical

A PROPOSITO DO CASO DAS TRINAS

A maluqueira da santa Maria Alacoque, ou de Margarida Maria Alacoque, que era o seu nome todo, foi famosa. Mas a de Santa Thereza foi mais famosa ainda.

Tambem a esta lhe apparecia o Christo; tambem com esta vinham ter os anjos. Christo não sabemos o que lhe fazia. Os anjos—conta ella—enterravam-lhe um dardo em fogo nas entranhas. Muito bom proveito!

Quando lhe tiravam o dardo—é ella sempre que o conta—iam-se-lhe as entranhas com elle. «A dôr d'essa ferida era tão viva que me arrancava esses fracos suspiros de que falei ha pouco; mas esse indizível martyrio fazia-me saborear ao mesmo tempo as mais suaves delicias.»

Letourneau, que trata magistralmente estas maluqueiras no seu livro «Physiologie des Passions», pede ao leitor, pag. 187, edição de 1868, que tome ao pé da letra a historia do dardo e das entranhas, «sem procurar n'ella qualquer sentido allegorico, ainda que seja difficil não reconhecer n'essa descripção colorida um espasmo hysteriforme espiritualizado pela idéa mystica.»

E' a natureza aos pinotes, como já dissémos. A natureza espicada pela cantharida canonica!

Santa Thereza, diz Letourneau, era uma mulher «violentamente impellida pela sua natureza ardente para os gozos do amor terrestre; mas chega, pelos esforços constantes da sua vontade, a metamorphosear-se moralmente, a dominar os seus instinctos, ou, antes, a mudar-lhes o rumo, a fixar outro caminho á sua imaginação vagabunda, a crear, finalmente, dentro de si um amor divino bastante poderoso para a arrastar no campo infinito do extasis.»

Em Santa Thereza o amor divino foi precoce. Aos sete annos quiz ir ao paiz dos Moiros buscar a palma do martyrio. Mas aos 14 a natureza quiz seguir o seu caminho natural e a santa tentou entrar no trilhão do amor mundano. Apressaram-se a enterrar-lhe n'um convento e os instinctos seguiram então o rumo a que se refere Letourneau.

«Assim que eu me encerrava na solidão sentia renascer o meu amor pelo meu celeste esposo, que me convidava a accertrar as suas santas delicias, as suas divinas caricias... Era extrema bondade do Senhor dignar-se con-

sentir-me na sua presença, attrahir-me mesmo, porque, sem esse doce attractivo, sinto que não teria ido.

Não posso exprimir todos os favores, as luzes, os conhecimentos, os commercios intimos e amorosos do grande Deus para com a sua indigna creatura. Que ternos affectos! Que intimas communicações! Que transportes de amor! Que abraços divinos! Que contactos, que faziam estremecer todo o meu sér! Que delices intimos! Que verdadeiros prazeres! Que gozos puros! Que contentamentos perfeitos! Que desfallecimentos sem fim! A's vezes, levada por milhões d'anjos ao seio do proprio Deus, era-me permittido repousar sobre o seu coração, onde elle me sustentava com a sua mão direita cobrindo-me com a sua mão esquerda, de sorte que me parecia estar n'um jardim de delicias onde luz e brilha o dia eterno, onde os prazeres não tem fim, onde as amizades são puras, onde o esposo e a esposa estão de coração aberto um para o outro, onde elles se enlaçam um no outro com mutuo amor e verdadeiro prazer. E' lá que o esposo sente alegria singular em descobrir á alma todas as suas bellezas, as suas amabilidades e que elle lhe diz estas palavras do cantic: «Dorme, minha bem amada, minha bella, minha pomba. Repouso no meu seio, pede-me tudo o que quizeres que eu t'o concederei. Se eu não tivesse feito este grande universo, a obra prima da minha gloria, fal-o-lia só para ti. Não faças barulho, filhas de Jerusalem, eu vol-o supplico, para não acordardes a minha bem amada que dorme e repouso no meu seio...»

... Ah! se me fosse permittido dizer quantas vezes, embriagada n'estas torrentes de voluptuosidades, eu não podia supportar o calor extremo que o meu divino esposo parecia communicar-me até á medulla dos ossos! Umavez com o rosto vermelho como fogo e os olhos faiscantes eu lançava dardos inflamados contra elle, que me abraçava com tão puro amor. Outras vezes era preciso que eu o chamasse o unico objecto dos meus encantos, vida da minha vida, alma da minha alma, coração do meu coração, objecto o mais encantador e o mais amavel. O amor, que queimas e que não consome nunca! (Letourneau, obr. cit. pag. 131 e 132.)

Pobre natureza transviada! Pobre louca!

Vale a pena lêr todo o livro IV d'essa obra excellente de Letourneau, e, em especial, os capitulos IV e V do mesmo livro, que se encontram de pag. 162 a 190, capitulos que tem por ti-

tulos: «Como a paixão chega ao extasis», «O extasis contado por Santa Thereza».

Ahi vemos toda a verdade scientifica, verdade que já o era em 1868, data da primeira edição da «Physiologie des Passions», e que o é cada vez mais, porque a sciencia não tem feito senão confirmal-a e aperfeicoal-a. Ahi encontramos a demonstração plena de que sendo a paixão a irmã gêmea da loucura, a paixão religiosa, ao contrario d'outras utilissimas á humanidade e á sciencia, é profundamente esteril, anti-humanitaria e anti-scientifica, a que melhor e mais depressa conduz á verdadeira e completa loucura.

Por isso é com justificadissimo motivo que Letourneau ironicamente exclama, pag. 158:

«Senhor Jesus, livrae-nos da theologia, livrae-nos da metaphysica, livrae-nos dos mythos psychologicos, em que vimos esbarrando ha tantos seculos!»

«Porque é que o extasis, tão raro na maior parte das paixões, é relativamente commum na paixão mystica? Pelas privações, sem duvida, que prescrevem os codigos religiosos, pelas macerações que exaltam a irritabilidade nervosa; sobretudo pela reza, pela contemplação, a que se entrega o devoto na penumbra do oratorio ou da igreja, mantendo-se n'uma immobilidade perfeita e fixando machinalmente os olhos sobre objectos proximos; emfim, pelas habéis prescrições dos ritos mysticos.»

O homem que é dominado por uma idéa fixa: o amor, a sciencia, etc, procura tambem a solidão, esquece-se de satisfazer as necessidades do corpo; afrouxa mesmo o rhythmo dos movimentos respiratorios sem dar por isso. Sem tréguas nem descanso, pensa no objecto dos seus desejos, applica-lhe todas as suas facultades e, tanto quanto possivel, figura-o, pela imaginação, com traços mais ou menos distinctos.

Mas, emfim, apesar de tudo isso, vive ainda da vida commum, nunca se sequestra completamente; interesses diversos o sollicitam e se a insomniã se lhe senta á cabeceira, pelo menos não arranja artificios para combater o somno, quando naturalmente e por um pouco este lhe vem socagar a sua perpetua agitação. Emfim, o nosso apaixonado alcança muitas vezes o fim dos seus desejos, emquanto que o mystico se consome em estereses esforços.» (Ibidem, pag. 190.)

Este é o caso. Se a paixão é por um individuo d'outro sexo, transforma-se, diminui ou extingue-se pela posse d'esse individuo ou por outra paixão do mesmo genero. Se a paixão é sci-

entifica, da mesma forma se extingue ou diminui com a solução do problema que o sábio traz em mente. A paixão mystica, essa é eterna porque o objecto d'ella é eternamente insolúvel.

Depois, além do apaixonado humano viver ainda da vida commum, a sua paixão eleva o espirito, engrandece a especie, servindo-a e nobilitando-a. E' uma paixão nobre que guia Galileu, Newton, Descartes, Christovão Colombo, todos os homens de genio, e d'essa paixão resultam para a humanidade assignalados serviços. A paixão divina, a paixão mystica é physiologicamente, moralmente, socialmente, praticamente, utilitariamente, depressiva, degenerante, aberrante. A paixão mystica, que toma como ponto de partida o abandono do mundo e a negação da familia, está em conflicto aberto com a humanidade. A paixão mystica, que sustenta um combate continuo contra os instinctos animaes, é um attentado á natureza. A paixão mystica, que, para suffocar esse sentimento de familia, de patria, de humanidade, que o homem recebe por hereditariiedade e por educação, que, para suffocar os instinctos naturaes, sempre acordados, recorre ao isolamento, ás orações, ás vigílias, aos jejuns, ás macerações, ás penitencias, que se concentra n'uma idéa fixa, que se tornou monomania, bateu ás portas da loucura e entrou por ella dentro.

As paixões d'outro genero serão um grau entre a razão e a loucura. A paixão mystica, a que conduz aos extasis, está sempre no limiar da loucura. Quando não produz esta propriamente, produz uma decadencia, um enfraquecimento intellectual, que não anda longe. E, como diz o director do hospital de Rilhafolles, dos poucos homens que em Portugal tem a nobre coragem e a louvavel abnegação de pôr o talento e a sciencia ao serviço da civilização, ao contrario de quasi todos, que os põem em almoeada, como diz elle no seu livro *A Consciencia e o Livre Arbitrio*: «Cerebros educados são a garantia intellectual da geração vindoura. Appliquemos todo o nosso esforço, em promover o aperfeicoamento intellectual das gerações que passam. Extirpemos abusões e superstições, que é romper as trévas em que ainda hoje se asphyxiam largas porções da humanidade.»

E n'outro artigo veremos os processos empregados pelo jesuitismo para chegar ao deploravel estado cerebral que vimos referindo.

Regressou já de Estarreja a esta cidade, onde foi passar a epoca calmosa com sua familia, o sr. José Maria do Couto Brandão.

Julgamento de imprensa

Como annunciámos, realisou-se em Caminha um julgamento de imprensa por supostas offensas á religião do Estado.

O réo, defendido brillantissimamente pelo nosso prezado e talentoso amigo Affonso Costa, foi absolvido.

Os carolas e as altas regiões do estado, que os protegem, que attendem n'estes symptomas, que são importantes. Querelado o *Povo de Aveiro* por offensas á religião do Estado, o tribunal d'Aveiro não chegou a acordar sobre a sentença. Levado o *Povo de Aveiro* á comarca de Vagos foi aqui absolvido. O segundo processo da mesma natureza, que se seguiu, foi agora este de Caminha, sendo o réo tambem absolvido.

Isto é, a consciencia publica vae despertando e vae-se revoltando. Este é o facto. Agora os poderes publicos que continuem e venão como tem a lucta religiosa accessa abertamente no paiz.

O sr. dr. Affonso Costa tem a gloria de haver obtido a absolvição, tanto em Vagos, como agora em Caminha.

E' um dos maiores serviços que o talentoso republicano vae prestando á causa democratica.

Notas de 20.000 e 500 rs.

A administração do Banco de Portugal, prorogou até 31 de Dezembro proximo o praso para o recolhimento das notas de 20.000 réis da chapa anterior, emitida em 24 de novembro de 1899 e as de 500 réis do typo primitivo.

A Vitalidade desentranha-se em homenagens a suas magestades, e em affirmações monarchicas, a proposito da viagem do rei ao Porto.

O papel novo, que appareceu agora ahi como orgão dos progressistas, faz o mesmo.

Entretanto, diz-se que ha republicanos que se desunham a trabalhar, uns pelo lado do sr. Jayme Lima, outros pelo lado do sr. Albano de Mello.

Não queremos entrar por hoje n'esse assumpto. Mas havemos de entrar n'ella a seu tempo, não pela importancia dos taes republicanos, que não o são, nem nunca o foram, mas porque nos conveni pôr os pontos em certos ii. Até lá manteremos a mais rigorosa neutralidade, como é dever de todos os republicanos quando não possam affirmar na urna, com alguma vantagem, como agora em Aveiro, os seus principios.

TUBERCULOSE

A cidade americana de Terton foi a primeira do mundo que tomou medidas para impedir, de uma forma verdadeiramente efficaç, a prorogação da tuberculose.

A sua junta de saude, n'uma sessão effectuada ha poucos dias, resolveu que a tuberculose fosse tratada como a dipteria, febre amarella e as bexigas, quer dizer, como uma enfermidade altamente infecciosa.

Para o futuro os tuberculosos de Terton não poderão viver com suas familias. Viverão separados dos que gosam saude, e para elles será construido um hospital.

Cartas d'Algueres

1 DE NOVEMBRO.

Os jornaes republicanos estão pouco contentes com o sr. Antonio Ennes, dizendo que o cavalleiro não perdôa ao sr. Affonso Costa a tenacidade com que este tratou no parlamento a questão dos vinte contos da embaixada portugueza no Brazil com o embaixador em Lisboa.

Teem razão.

Para mostrar a incoherencia do cavalleiro, e a sua attitude antipathica, falam-lhe nos *Lazaristas* e nas antigas opiniões anti-clericas do cavalleiro.

Tambem teem razão. Mas melhor seria falar-lhe nas suas opiniões abertamente e claramente republicanas. Porque o que muita gente não sabe é que o cavalleiro Ennes já foi declaradamente republicano.

Hoje é profundamente reaccionario, como já foi profundamente republicano e revolucionario.

Voltaria atraz por convicções? Não, porque ninguem volta por isso. Póde haver modificações, e ha sempre, nos meios a empregar para conseguir certo fim. Um republicano ideologo póde-se converter n'um republicano opportunist, um republicano revolucionario n'um republicano moderado. Mas passar da defesa calorosa da democracia republicana á defesa calorosa do absolutismo real, só se passa por loucura, estupidez profunda—e então já esta existia quando se defendia a democracia—ou por interesses.

D'estes motivos, o cavalleiro Ennes que escolha aquelle que mais lhe agrada.

O cavalleiro escreveu em tempos um folheto, hoje muito raro e que pouquissimos possuem, intitulado *A Democracia e a Guerra*. Ha-o na Bibliotheca Nacional de Lisboa, onde, comtudo, os empregados costumam negal-o. Já isto aconteceu com o auctor d'estas linhas e sabemos que já aconteceu com outros. Indo nós uma vez alli procural-o disséramos que não havia. Ateimámos, tornámos a atear e, depois de consultas e hesitações,—atê foi consultado o proprio sr. Ennes, que era então, e não sabemos se ainda é hoje, o empregado chefe das bibliothecas, lá appareceu o folheto.

Ora ali vão d'esse folheto, como simples curiosidade, uns bocadinhos d'ouro:

... O futuro da democracia está affiançado por leis naturaes, e a logica dos factos ameaça a existencia das monarchias. Desabam por toda a parte as instituições que as amparam, as nações sujeitas ao seu imperio sentem a revolução nas entranhas, a sciencia repudia-as em nome do direito da economia e da moralidade, a historia tem linguas de fogo para as accusar, os acontecimentos parecem predestinados para apressarem a sua ruina, como se uma providencia conspirasse contra ellas.

Aqui o teem! Republicano retinto! E republicano em nome da sciencia! E republicano em nome da historia, elle, que se diz historiador!

Segundo o cavalleiro Ennes, a sciencia, no tempo em que elle

escrevia o folheto: *A Democracia e a Guerra, repudiava as monarchias em nome do direito da economia e da moralidade*. Ora a sciencia de hoje será por ventura uma sciencia diferente d'essa sciencia de ha duas duzias de annos?

A historia tinha linguas de fogo para as accusar, ás taes ditas monarchias. Será a historia de hoje outra historia? Vamos, o cavalleiro que responda. Temos sciencia e historia nova ou temos apenas interesses diferentes? Foi uma nova sciencia e uma nova historia que levou o cavalleiro a mudar tão radicalmente de opiniões e de propaganda ou foram os contos de reis, as conezias, as prebendas de toda a ordem que se teem accumulado sobre o cavalleiro?

E' exactamente isto que condemna a monarchia portugueza. Todos os seus corypheus, os seus evangelistas, os seus campeões mais illustres, Ennes, Navarro, Marianno, etc. são homens corrompidos, manifestamente presos pelo interesse, só pelo interesse, e pelo interesse illicito, o que agrava a situação. E ai d'um regimen quando os seus mais ferrenhos defensores se encontram n'esse caso!

Nenhum d'esses homens tem auctoridade. Nem para estar calado, quanto mais para falar! Quem quer comer com certo decoro, come em silencio. E' o que faz quem tiver algum decoro e quem tiver algum senso. Prêgar moral é irritar a consciencia publica e, portanto, comprometter o regimen em vez de o favorecer.

Mas vá lá mais um dos bocadinhos d'ouro da *Democracia e da Guerra*:

«Os federalistas formam hoje uma escola que se me afigura ser a mais avançada. Não repetirei os argumentos com que elles teem provado até á evidencia que as federações podem e hão de realisar a verdade e o direito na politica, assegurar a felicidade dos povos e o desenvolvimento natural da civilização, fundando sobre a liberdade individual a unidade social da familia humana. A França, a Hespanha, a Italia são obras das monarchias que fizeram partilha do solo, unindo o que a natureza dividira, affirmando o que a historia desmentia, impondo por força ou manha o que a vontade dos povos repelia. Nada ha mais provado na historia do que a lei das opposições e reacções. O que as monarchias fizeram será defeito pelas democracias. O que aproveitava áquellas seria um obstaculo insuperavel ao exercicio d'estas. Vasar o *self-government* no molde geographico da centralização seria um paradoxo.»

Agora temol-o radical, federalista, ultra. E sempre em nome da historia!

Ouçámos o resto:

«Na constituição dos estados modernos encontram-se elementos naturaes. Não o são só os municipios debilitados pela ataxia forçada mas não extintos, são-no tambem em França a Bretanha, a Gasconha, etc, em Hespanha a Catalunha, as provincias Vascongadas etc, na Italia Napoles, Genova, Sicilia etc; individualidades fosseis, se quizerem, mas não desorganizadas, que teem latentes ou amortecidos, mas não afogados, os instinctos d'autonomia; individualidades cuja razão de ser é demonstrada pelas tradições, pela unidade ethnographica, linguistica, de costumes e de interesses.

D'estas individualidades se aproveitará a federação para se organizar.

A federação não é um d'estes factos que, por serem meramente convencionaes, nascem, como Minerva, da cabeça do legislador e dependem do seu arbitrio. Impõe-se. Das leis só precisa a sancção. E' como o municipio que em todas as epochas chamadas de desorganização, isto é, sempre que as forças naturaes da associação se exercem livremente, apparece na historia. Por ser um elemento natural de organização, e não por ser herança de Roma, floresceu ella na idade média. E pela mesma razão porque se estabeleceram os municipios, federaram-se.

Decretem as liberdades locais e individuais, restrinjam a acção do estado á direcção dos interesses communs e á protecção dos direitos, e em toda a Europa latina, sob o imperio das leis de descentralização e federação, os elementos dotados ou capazes de vida propria se isolaram gradualmente, procurando no *self-government* o caminho mais curto e mais recto para satisfazerem a sua finalidade, e na união federal a protecção que precisam para a sua personalidade.»

Fala da Hespanha e de Portugal e acrescenta:

«Annexados á Hespanha actual seriamos absorvidos; associados com a Catalunha, a Galliza, Aragón, Castella, etc, seriamos livres e poderosos: poderosos em relação aos membros da federação pela propria força, poderosos para com as outras potencias da Europa pela protecção legal e obrigatoria da federação.»

Assim falava o homem, emquanto o dinheiro não lhe pesava na consciencia. Hoje desdenha das idéas e zomba da democracia!

Out'ora era republicano, descentralizador, radical, federalista, iberico. Hoje pede ao rei que faça governo absoluto e considere o mesmo rei unico penhor da independencia de Portugal! Out'ora a logica dos factos ameaçava a existencia das monarchias, que desabavam por toda a parte, sentindo a revolução nas entranhas. Hoje, o poder real está tão seguro e consolidado que os filhos do sr. D. Carlos ainda hão de ir ao Porto inaugurar o monumento triumphal que lhe votará esse mesmo Porto que os republicanos julgaram ter conquistado!

Além de tudo, é um grande patarata.

Formidavel patarata!

A. B.

Cuidado com o acétylene

Em Arbresle, França, houve uma violenta explosão de acetylene, no Café do Commercio, propriedade de um sr. Docher, café situado na praça da Mairie.

O edificio, no rez do chão do qual estava o estabelecimento, tinha quatro andares. Foi fendido de baixo até cima; a abobada dos subterraneos cahiu; o primeiro lanço da escada principal ficou destruido; a escada de ferro foi atirada contra o muro; o passeio da rua Central, defronte do Café do Commercio, ficou desfeito; os vidros voaram a uma distancia de 20 metros e os transeuntes, até á distancia de 50 metros, arremessados ao chão. O sr. Ducher achava-se na sua cave, onde tinha descido com uma vela, no momento da catastrophe. Suppõe-se que foi alli carregar de carbureto o seu gerador de acetylene e que por qualquer fenda do apparelho o gaz detomou ao contacto da chamma.

Jayme Duarte Silva

ADVOCADO

R. DO SOL—AVEIRO

A intelligencia das formigas

De «La Nature», de 27 de outubro:

«Este assumpto, sobre o qual as observações se teem multiplicado d'um modo tão singular, está fornecendo todos os dias novas muito interessantes, como a ultima do sr. Luvercrop. Este observador matou uma bespa e deitou o corpo n'uma passagem de formigas, que estava vigiando. Veio uma primeira formiga fazer uma especie de reconhecimento e tomar nota da importancia da carcaça. Depois retrocedeu rapidamente para voltar em seguida trazendo consigo uma *troupe* das suas eguaes. D'estas, umas começaram a devorar as partes molles do corpo da bespa que não se conservavam; outras separaram á pressa as porções resistentes que se podiam conservar de reserva para o inverno. Uma das formigas atrelouse, para este fim, a uma das azas, mas mal tinha andado alguns centímetros, quando um golpe de vento a arastou para traz, com o seu fardo. Depois de ter feito esforços desesperados por um instante, empilhou sobre a aza os maiores grãos d'areia que pôde levantar, isto com o unico fim d'impedir que o vento a levantasse, e foi procurar tres camaradas ás quaes explicou evidentemente a difficuldade em que se encontrava. Pozeram-se todas sobre o lado da aza em que se achava a nervura mais grossa e começaram a rolar-a como uma bandeira em volta de sua haste, depois cortaram o rolo em tres bocados que conduziram facilmente ao formigueiro.»

POVO DE AVEIRO

Este periodico vende-se todas as segundas-feiras na tabacaria MONACO, á Praça de D. Pedro—Lisboa.

Deu ha dias entrada na cadeia de Mertola um individuo accusado de ha 10 annos ter estuprado uma rapariga menor.

Mas o mais curioso do facto é que o criminoso é já casado, e ella, a rapariga estuprada tambem já é casada!

UM COIO JESUITICO

O COLLEGIO DE SANTA JOANNA EM AVEIRO

Ha em Aveiro um coio jesuitico, perigosissimo como todos elles, denominado «Collegio de Santa Joanna».

Esse coio está em permanente propaganda jesuitica, como todos elles tambem, afinal. D'esse coio estão sahindo constantes proclamações, como essa que em seguida publicámos.

Os paes de familia que se acatelem, se quizerem. Em outro logar d'este periodico vimos demonstrando largamente, ha muitas semanas; com provas irrespondiveis, quanto valem os collegios jesuiticos sob o ponto de vista litterario, scientifico, moral, etc.

Para se aquilatar do valor litterario do tal «Collegio de Santa Joanna» basta o documento que publicámos em seguida, que daria uma reprovação a qualquer rapazello que se atravessasse a escrever-lhe n'um exame elementar. A calligraphia da signataria, a virtuosa *Soeur Marie Rose du Trés Saint Rosaire*, que se pôde ver no original que fica n'esta redacção, calligraphia de creada de servir, tambem dá uma idéa regular das aptidões litterarias das *irmãs* de Jesus.

Diz Huber, a pag. 132 do tomo II da sua obra *Les Jésuites*,

que os jesuitas teem procurado saturar o mundo inteiro de confrarias. Esta de Nossa Senhora do Rosario, que se erigiu ha dez annos no interior do Collegio de Santa Joanna Princeza, em Aveiro, canonicamente approvada pela Santa Sé e pelo ex.^{mo} rev.^{mo} bispo conde, faz parte da tal praga a que se refere Huber. Comtudo, ainda não é das mais conhecidas, por que o ex-jesuita Grainha não fala n'ella, nem no capitulo V,—onde vem o catalogo das Congregações religiosas existentes em Portugal e casas que lhe pertencem,—do seu livro *Os Jesuitas e as Congregações Religiosas em Portugal*, nem no capitulo III,—que tem por titulo: *As associações devotas*,—da terceira parte do seu outro livro *O Portugal Jesuita*.

Mas as taes associações devotas, como diz Huber, são como a *tinha*. Conhecel-as a todas é impossivel.

Ficámos agora sabendo que Aveiro possui a gloria de ter em si a «Associação de Nossa Senhora do Rosario», que esta Associação pertence á «Congregação Dominicana», como o tal «Collegio de Santa Joanna Princeza», e que vive de sugar a bolsa dos papalvos indigenas, como todas as outras da mesma natureza.

Os livros constituem um dos meios mais empregados pelos jesuitas para obter dinheiro. O que valem esses livros já nós sabemos e já o temos mostrado aos leitores. O ex-jesuita Grainha occupa 4 paginas do seu *Portugal Jesuita* a dar-nos o catalogo só dos livros annunciados por um pasquim jesuitico intitulado «O Novo Mensageiro do Coração de Jesus». São a escoria dos livros, sob qualquer aspecto que se encarem. O «Manual» que a *Soeur Marie Rose du Trés Saint Rosaire* pretende, e para cuja publicação pede dinheiro, não ha de ser melhor nem peor que qualquer d'esses, ou que os «Canticos a Jesus», approvados por um bispo, e a que Eça de Queiroz chama muito bem *cantharida canonica*.

Pois as senhoras de Aveiro que deem lá dinheiro para as *cantharidas canonicas* e os paes e os maridos que applaudam, se quizerem.

O Joãozinho do Carrapitalinho lhes affiançamos nós que não deixa de subscrever.

Esse é logo.

Segue o curioso documento:

J. M. J.

AVE MARIA

Eis chegada a epoca em que a Direcção da nossa Associação de Nossa Senhora do Rosario costuma enviar a cada uma das Associadas uma noticia annual.

Este anno porém, não havendo Conselho legitimamente constituido em virtude de terem deixado o Collegio, no passado anno as Associadas que d'elle faziam parte e não sendo possivel eleger, por ora, novo conselho por falta de Associadas aptas, cumpre-nos a nós, na qualidade de Vice-Directora, participavos, carissima Associada, as occorrencias d'este anno.

Ha dez annos que se fundou esta Associação de Nossa Senhora do Rosario e foi erecta na capella da mesma invocação no interior do Collegio de Santa Joanna Princeza, em Aveiro, e ha seis annos que foi canonicamente approvada pela Santa Sé e pelo Ex.^{mo} Rev.^{mo} Bispo Conde que lhe

O PROBLEMA COLONIAL

(NOTAS AO CORRER DA PENNA)

Ninguém ignora que possuímos, além-mar, territórios ubérrimos de superior clima e optimas condições geographicas, — possessões naturalmente destinadas a formarem um centro de actividade ao nosso commercio e á nossa industria e uma fonte inexaurível de receita para a metropole — e tão vastos, que suas extensões excedem de muito as do continente: — Visto que só na provincia de Moçambique dispomos de... 140.000 kilometros quadrados de terreno, apesar de cedidos, ha annos, a inglezes, 460.000 e na de Angola 908.000 (naquelle, oito, e nesta cerca de dez vezes, a extensão de Portugal continental).

Ninguém ignora isso, mas tambem ninguem de boa-fé ignora que, apesar de nos termos costumado a al-cunhar este desgraçado torção de — **paiz colonial**, as nossas possessões longe de serem, como dizemos seria licito esperar, «um centro de actividade para o nosso commercio e a nossa industria, uma fonte inexaurível de receita para a metropole», são de ha muito e com raras excepções — para aquellos, uma exerecção quasi inutil, e para esta, um onus pesadissimo.

E isto porque, compulsando seus orçamentos, notamos que se ha annos preçitos dêram saldo negativo (1), o mesmo negativo saldo teem dado até á presente — com raras excepções, dis-símulo-o já.

São verdadeiras e pungentes estas annotações: tanto mais verdadeira, se tomarmos em linha de conta a revoltante inepcia do regimen; tanto mais pungentes, se notarmos o movimento de super-actividade exercido, com motivo d'este alto problema, por paizes, no caso, em peores circunstancias que o nosso: — Se considerarmos a rapida expansão, n'estes ultimos decennios, da Alemanha respeitante ao seu dominio colonial, bem diminuto; da França e da Hollanda, enriquecendo e alargando suas possessões e, finalmente, de toda a Europa colonial e... pratica.

Não desconhecemos, por certo, e notamol-o primeiros que nol-o recordem, que homens de maior ou menor capacidade (não confundir com *rapacidade*) se teem occupado d'essa transcendental questão — Barbosa Leão, Ferreira d'Almeida, Marianno de Carvalho, (o Padre-mestre dos Planos, na phrase pittoresca de Silva Pinto e Heróde da Outra-metade segundo a *vopopuli*) Antonio José de Seixas, etc. etc. — mas, francamente, até ao presente momento que solução proveitosa, pratica se realison, que illação importante resulto de tantas e tão complexas elocubrções?!

— **Nenhuma!** brada a voz do mais comensinho dos raciocinios.

— **Nenhuma!** (além da da referida *outra-metade*) bradaria, com ella, o Povo, se forças humanas houvesse capazes de o arrancarem á atrophadora catalepsia nacional!

(1) Os orçamentos das provincias ultramarinas accusam, por exemplo, estes *deficites*, em 1893-94: — Guiné, 121:4863350 reis; Angola, 47:2788575; rs. India, 112:6205593; rs. Moçambique, 164:9204430 reis.

Julgamos necessario dar aqui algumas provas melhores do que os incidentes de uma historia imaginaria para justificarmos o triste quadro de costumes que acabamos de expôr perante os leitores. E' custoso pensar que os valorosos barões a quem, pela sua opposição á corôa, se devem as liberdades da Inglaterra, tenham sido por seu turno oppressores terriveis, capazes de attentados não só contra as leis do paiz, mas tambem contra as da natureza e da humanidade. Mas, infelizmente, não temos mais do que extrair da obra do laborioso Henry uma das numerosas passagens por elle colligidas dos historiadores contemporaneos para provarmos que a propria ficção fica muito á quem da sombria realidade quanto aos horrores d'essa epoca.

Em um artigo do senhor Antonio José de Seixas, ha annos publicado no *Journal do Commercio* e que vëmos transcripto em publicação que têmos em frente, lêem-se as seguintes phrazes:

«Desde 1860 que as colonias portuguezas teem feito dispendêr á metropole, em expedições militares, subsidios em dinheiro, navios de transporte e de guerra e obras publicas, não incluindo despesas indirectas sobre o thesouro da metropole, quantia não inferior a 26.000 contos (até 1879), equivalentes a um encargo no orçamento geral do reino, e PERMANENTE, de 1.806 contos de reis por anno!»

«No fim de outros 19 annos, seguindo-se o systema que tem vigorado, terá a metropole dispendido outros 26.000 contos e sem haver conseguido tornar sympathicos os nossos compatriotas do Ultramar pelas coisas da metropole...»

— Não merecerá tudo isto que se attenda seriamente á questão colonial?!

Merece: é bem de vêr! Merecia-o então, como o merece hoje.

Mas, — respondam-nos os orgãos da *reinação* e do *bidé* real — que se tem feito n'esse sentido?

— Ora! «não se tem feito nada que já é alguma coisa» — responderia *Calino*, se acaso fosse chamado a intervir — agora é! — em questões governamentais, e de tão alta transcendencia.

As nossas colonias rachiticas, empobrecidas, lá continuam vegetando ao abandono da metropole, mas custando-lhe systematicamente onerosos encargos e offerecendo-lhe equitativamente grossissimos *deficites*, sem industria nem commercio de valor, a prevaricação e o desleixo infiltrados em todos os escaninhos administrativos; á espera, umas, que um patriótico e paternal governo da *mãe-patria* as queira utilizar como prova a offerecer aos olhos do mundo da mais absoluta neutralidade («*Obrigado marechal!*»); outras, aguardando o momento em que hajam de passar, com *armas e bagagens*, para de sob a *protectora* bandeira do accôrdo anglo-germanico!... E, enquanto isto, ondas e ondas de imigrantes proletarios na quasi generalidade, fogem quotidianamente d'este malfadado paiz accossados pela fome, levados pela miseria, correndo a procurar na poderosa Republica Brasileira um mundo mais vasto de rasgados horizontes aonde possam remunerosamente empregar todo o esforço titanico de seus musculos d'ago, sem que o governo intente tornar effectivas as mais severas medidas coercitivas d'essa triste debandada fazendo-a convergir, em massa, para os climas tão bons ou superiores aos da America do Sul que se gozam em nossas possessões: — Tornando, do modo referido, esses proletarios uma garantia da soberania portugueza em nossas colonias, um elemento sólido de progresso para ellas e de riqueza para a metropole e um protesto contra o elemento estrangeiro que, na quasi maioria, predomina, avassalando-as escandalosamente!

Mas, não! Nada d'isto se faz! em nada d'isto se pensa!

— O tempo é pouco para tricas eleitoraes, festas e *reinações* e para agradecer de cócoras, como o *outro*, o favor do marechal: «*Obrigado, marechal!*», obrigado, meu povo!

A descripção que o auctor da *Chronica Saxonica* faz das crueldades praticadas no reinado de Estevão pelos grandes barões e senhores dos castellos, que eram todos normandos, fornece uma prova decisiva dos excessos de que elles eram capazes quando excitados pelas paixões.

«Opprimiam cruelmente o pobre povo para construírem os seus castellos; e depois d'estes edificios enchiam-nos de malvados, on antes, de demonios, que agarravam todos aquellos a quem suppunham algum dinheiro, tanto homens como mulheres, mettiam-nos em calabouços e infligiam-lhe torturas mais cruéis do que nunca soffreu martyr algum. Alguns eram suffocados no lodo, outros suspensas sobre fogueiras pelos pés, pela cabeça ou pelos pollegares. A uns cum-

Longo em demasia para os estreitos limites d'uma columna de jornal vai já este artigo: — sem embargo, não concluirêmos sem frizar um derradeiro ponto.

Para se manter a independencia de nossas colonias é imprescindível crear forças dominantes.

Para se tirar proveito d'aquellas é imprescindível crear marinha mercante em termos.

No entanto, que vëmos nós?!

— Um paiz **marítimo e colonial** sem marinha mercante capaz de fazer concorrência aos paizes estrangeiros que se apresentam em optimas condições de estreitar activo commercio com os povos colonias; — concorrência a paizes que contam, como a Suecia, 1030 navios de véla e 492 a vapor, ou como a Hollanda que possui uma marinha mercante de 310 navios de véla e 149 a vapor!

Um paiz **marítimo e colonial** sem marinha de guerra capaz, ao menos, de vigiar as suas enormes possessões: — com uma marinha de guerra vergonhosa comparada, ao exemplo, com a da Hollanda que — tendo alargado este paiz seus dominios graças á revolução de 1640 e á custa das colonias portuguezas — se compunha, já em 1892, de 140 navios, dos quaes 24 couraçados, 26 cruzadores, etc.

Compara-se, sim, esta força numerica e seu valor intrinseco com a nossa marinha: — 61 *barcaças* apenas, das quaes a maioria pôdres, imprestaveis, escandalosas!

Que vergonha, santo Deus!

Corollario, á maneira de conclusão:

— Seremos nós, accaso, caros leitores, os chinezes da Europa?

Que não! que não! — ouvimos já d'aqui bradar, egos de furor, aos bellos dos optimistas patrios.

Não o seremos, não!

Continue, no entanto, o bom do Povo a usufruir estes *saborosissimos* fructos da arvore pôdre da monarchia com a sua typica indifferença, embora lamentando que lhe tivessem levado a derradeira das camisas e que — na phrase caustica de Ramalho Ortigão — os chispes estejam pela hora da morte e a cabeça de porco se esteja pagando mais cara que a cabeça d'elle, Povo, e...

... — *Irmãos vivendo!* — que é a expressão consagrada com que se define a indolencia nacional.

Porto. ANGELO JORGE.

“O NORTE”,
Em Aveiro vende-se no
Kiosque Central.

ANNUNCIOS

VINHO VELHO
E NOVO

QUINTA DA GOSTA

Requeijo

VENDE-SE qualquer porção,
de 50 litros para cima.

primiam a cabeça com cordas cheias de nós até lhes penetrarem o craneo, enquanto outros eram encerrados em marmoras em que enxameavam serpentes, cobras e sapos.»

Mencionemos outro exemplo d'esses fructos amargos da conquista, e talvez o mais vehemente que pôde citar-se. A princeza Mathilde, apesar de ser filha do rei da Escocia e depois rainha da Inglaterra, sobriuha de Edgar Atheling e mãe da imperatriz da Alemanha, filha, esposa e mãe de monarchas, foi obrigada durante a sua residencia na Inglaterra quando se estava educando, a vestir o habito de freira, como o unico meio de escapar á perssuição licenciosa dos nobres normandos.

(Con'tinua.)

concederam graças e benções es-paciaes.

E' deveras consolador o des-envolvimento e progresso da Associação; pois n'estes dez annos consta de cento e onze Associa-das Rosaristas e quatro aspiran-tes.

D'este numero muitas teem tomado estado, quatro se consa-graram ao serviço de Deus, pro-fessando na Congregação das Ir-mãs Dominicanas e seis passa-ram d'esta vida nas mais santas disposições. Actualmente resi-dem no Collegio dez Rosaristas.

Se bem que nem todas, a maior parte das Associadas con-serva relações directas e estreitas com a Associação, recebendo todos os annos os avisos e pa-gando regularmente as suas quotas.

Tratando-se agora de introdu-zir nos Estatutos e Regulamento da Associação as modificações que a experiencia aconselha ne-cessarias, e de sugerir essas mo-dificações á approvação eccle-siastica e ainda da impressão de um Manual, obra de grande ne-cessidade para a Associação e inteira utilidade para cada Asso-ciada, rogamos como Vice-Dire-ctora, na falta do Conselho a cada uma das Associadas: 1.º — Se digno avisar o conselho da Associação se *sim* ou *não* deseja con-tinuar as suas relações directas com a Associação. No caso affir-mativo dirá claramente a sua di-reccção para evitar futuros emba-raços. 2.º — Vivendo a Associação apenas das quotas e generosida-des das Associadas e tendo de se entrar em despesas extraordi-narias e importantes como é a impressão do Manual, recorremos mais uma vez á bondade de todas as Associadas, para que, conforme os meios de cada uma, auxiliem o Conselho n'esta em-preza de tamanha utilidade para todas, promptificando-se o mesmo Conselho a fornecer gratuitamente a cada Associada um exemplar do referido Manual, se para as despesas da impressão colher a quantia necessaria.

Em todas as festas da Associação, á Consagração, todas as Associadas teem uma lembrança especial nas orações de suas Ir-mãs rennidas em volta do altar de Maria. Na proxima festa do Santissimo Rosario e da Associação (1 de Novembro) rogamos que se unem com as Rosaristas residindo actualmente no Collegio para pedir pelas intenções geraes e particulares da Associação.

Se alguma das Associadas não possuir ainda o diploma da sua recepção, pôde pedil-o directamente ao Conselho da Associação assim como medalha de prata, cujo custo varia segundo o cambio de 18500 a 25000 réis.

Para que se effectuem os de-signios d'esta circular, pedimos com instancia uma resposta (*sim* ou *não*) até ao proximo dia 21 de Novembro, inclusivamente.

Recommendo-nos nós e a Associação ás vossas fervorosas orações, nos subscrevemos

Sua muito afeiçãoada em Maria Santissima

A Vice-Directora da Associação,

Sœur Marie Rose du Très Saint Rosaire.

Aveiro, 25 de Outubro de 1900.

Tudo por Jesus e Maria

ADVOGADO

EDUARDO SILVA

R. DE SANTA CATHARINA

AVEIRO

ENVENENAMENTO PELA BAUNILHA

Um importante jornal inglez, «British Medical Journal», refere um caso recente de envenenamento pela baunilha, que é tanto mais interessante quanto é certo tratar-se d'uma substancia d'um uso particularmente corrente na alimentação. O envenenamento deu-se em 19 pessoas, morrendo uma d'ellas.

O alimento que produziu esse resultado fatal foi um creme de baunilha, perfumado, segundo o costume, com baunilha do commercio e feito com ovos, leite e assucar; o creme tinha sido feito á tarde e ficou descoberto na sala de jantar até ao dia seguinte de manhã. Como o cosinheiro e a dona da casa se tinham fartado de saborear o creme, sendo por isso dos mais seriamente atacados, chegou-se á conclusão de que o veneno se deveria ter desenvolvido no organismo de cada um depois de ter sido ingerido, isto é, que deveria ser de natureza microbiana. O chimico Wassermann submetteu pois á ebullicão tres frascos contendo respectivamente leite puro, leite perfumado com baunilha e uma solução de baunilha em agua. Os ovos averiguou-se antes que estavam em bom estado. Depois de um repouso de 18 horas a uma temperatura de 37.º foi injectado o conteúdo de cada frasco em ratos e só o leite perfumado com baunilha mostrou toxicidade.

E' uma questão do mais alto interesse que deve ser estudada e experimentada novamente.

ALVARO DE MORAES FERREIRA
MEDICO

Consultas das 10 ás 12 horas da manhã e das 2 ás 4 horas da tarde. Chamadas a qualquer hora do dia ou da noite.

Largo do Rocio, 43 a 44

aquelles olhos arrasados de lagrimas. Antes ella tivesse mantido a sua primeira attitude de altivez, ou o meu coração tivesse uma grande parte do dureza do de Testa-de-Boi, de triplice tempera!

Agitado por estes pensamentos, De Bracy não pôde senão confortar a infortunada Rowena assegurando-lhe que não tinha razão para se entregar áquella accessão de desespero. Mas n'essa tarefa foi interrompido pelo som rouco e agudo de uma buzina, que ao mesmo tempo alarmara os outros hospedes do castello e interrompera outros planos de avareza e devassidão. De todos elles De Bracy foi talvez o que menos lamentou a interrupção; porque a sua conferencia com *lady Rowena* chegara a um ponto em que lhe parecia tão difficil proseguir como abandonar a empresa.

FOLHETIM

IVANHOÉ

ROMANCE POR WALTER SCOTT

CAPITULO XXIII

— Se, pensava elle, me deixo commover pelas lagrimas e pelo desespero d'esta donzella inconsolavel, o que lucro eu com isso senão a perda das bellas esperanças pelas quaes corri tantos riscos e a troça do principe João e dos seus joviões companheiros? E no entanto, — confessava elle a si proprio, — sinto que não tenho feito para o papel que estou representando. Não posso ver aquelle formoso rosto transtornado pela afflicção e

AO COMMERCIO E AO PUBLICO

ALRINO PINTO DE MIRANDA, gerente da casa de Manuel José de Mattos Junior—o **MANUEL MARIA**—d'esta cidade, faz publico, que sendo agente d'uma casa commercial de Lisboa, tem para vender em boas condições para o commercio **café crú de diversas marcas, café torrado em grão e moído, avulso e empacotado**, por preços muito baixos, rivalizando com vantagem com as casas congêneres do Porto. As vendas são a prazo, e sendo a prompto pagamento têm desconto.

Na casa de que é gerente, além dos generos acima mencionados, vendidos ao publico com muita vantagem, tem em saldo uma grande quantidade de louça de Sacaven que vende com 15 p. c. de desconto da tabella da fabrica e alguma com 20 p. c. Tem o deposito dos vinhos da Companhia Vinicola, composto de todas as marcas, não exceptuando o bello *Champagne*.

Ha tambem vinhos de outros armazens do Porto, das marcas mais acreditadas, por preços rasoaveis, fazendo grandes descontos para revender.

Deposito de adubos chimicos para todas as culturas e por preços vantajosos.

Armazem de vinhos da Bafurada, que vende a 60 réis o litro, tinto; branco a 100 e 200 réis, sendo para consumir em casa de freguez.

Tem mercearia bem sortida. Vende sulfato de cobre e de ferro, chumbo para caça (pelo preço do Porto, sendo por caixa de 30 kg.), bolacha e biscoito das principaes fabricas do paiz, conservas e massas alimenticias, petrechos para caçadores e objectos para escriptorio, aguardente de vinho, cereaes e alcool, com grandes descontos para revender, e muitos outros artigos impossiveis de mencionar.

Encarrega-se da compra ou venda de qualquer mercadoria mediante commissão.

Rua Direita (Largo do Manuel Maria)

AVEIRO

FERRAGENS, zinco, chapa zincada, chumbo em barra e em pasta, estanho, prégos, parafusos, pás de ferro, arame zincado, tintas preparadas e em pó vernizes, oleo, aguarraz, alcool, brochas, pinceis, cimento sulfato de cobre e de ferro, chloreto, enxofre, gesso de estuque, vidraça, telha de vidro, chaminés e torcidas para candieiros, papelão, artigos de mercearia e muitos outros.

A' venda no estabelecimento de

Domingos José dos Santos Leite

RUA DO CAES

AVEIRO

NOVA ALQUILARIA

MAUEL PICADO & PEREIRA

(Antiga casa de Fernando Christo)

Nesta casa continúa a haver carros de aluguer, servindo-se os freguezes com a maior regularidade e economia de preços.

Rua da Alfandega—**AVEIRO**

MAIS UM TRIUMPHO!

As machinas para coser da Companhia **SINGER** obtiveram na Exposição de Paris de 1900 o mais alto premio, **Grand-Prix**.

E' mais uma victoria junta a tantas outras que estas excellentes e bem construidas machinas tem alcançado em todas as exposições.

AVEIRO

75—RUA DE JOSÉ ESTEVÃO—79

GRANDE NOVIDADE LITTERARIA

Os Mystérios da Inquisição

POR

F. GOMES DA SILVA

Obra illustrada a côres por Manuel de Macedo e Roque Gameiro.

Cada fasc. de 48 pag., papel de luxo, magnificamente impresso em typo elzevir e com uma formosissima estampa a 12 côres—120 réis.

Nos *Mystérios da Inquisição* descrevem-se horrores que agitam affictivamente a alma, scenas que fazem correr lagrimas, escarpellam-se figuras d'outros tempos, encadeiam-se acontecimentos dispersos e tenebrosos, fustiga-se a hypocrisia, enaltecem-se as grandes virtudes, faz-se rebrilhar a verdade e põem-se em relevo todos os personagens que entram n'este grande drama, em que vibram commoções da maior intensidade e affectos do mais exaltado amor.

Precioso brinde a todos os senhores assignantes: Uma magnifica estampa esplendidamente colorida, medindo 0,55x0,44, a qual representa uma das scenas cuja recordação ainda hoje nos é grata e que o nosso coração de portuguezes ainda não pode olvidar.

Os pedidos de assignaturas podem ser feitos á *Companhia Nacional Editora*—Secção Editorial—Largo do Conde Barão, 50, Lisboa—ou aos seus agentes.

ESTABELECIMENTO DE MERCEARIA

DE

Manuel Rodrigues da Graça

R. DA ALFANDEGA

NESTE estabelecimento encontra-se vinhos finos desde 240 réis para cima; arroz da terra e estrangeiro. Tem tambem um variado sortido de bolacha das principaes fabricas de Lisboa e Porto, que vende por preços excessivamente baratos.

ATELIER DE ALFAETERIA

DE

Joaquim Ferreira Martins

(O GAFANHÃO)

R. da Costeira—**AVEIRO**

ESTE antigo e acreditado estabelecimento de alfaeteria encarrega-se de fazer com a maxima perfeição e barateza fatos para homem e creança, o que para isso tem um lindo sortimento de fazendas proprias para verão.

Espera tambem por estes dias um grande sortimento de fazendas, o que ha de mais moderno, para a estação do inverno.

Como está tambem para chegar a epoca dos varinos já tem para isso as fazendas encomendadas.

Ficam d'isto prevenidos os nossos freguezes e amigos.

Vinho de Bucellas

VENDE-SE a 160 réis a garrafa no estabelecimento de

José Gonçalves Gamellas

Praça do Peixe—**AVEIRO**

Previne o publico que só affanço a qualidade do vinho vendido no proprio estabelecimento, para evitar que vendam com a mesma marca outra qualidade de vinho

ARMAZENS

DA

BEIRA-MAR

DE

MANUEL GONÇALVES MOREIRA

PRACA DO COMMERCIO, 19 A 22

R. DOS MERCADORES, 1 A 5

AVEIRO

D'aqui levarás tudo tão sobejo (Luz. Gam.)

Preços fixos

VENDAS SO A DINHEIRO

CONFECÇÕES:

Fazendas de novidade de lã, linho, seda e algodão.

Cunissaria, gravataria, livraria, papelaria e mais objectos de escriptorio. Officina de chapelaria. Chapéus para homem, senhora e creanças. Centro de assignatura de jornaes de modas e scientificos, nacionaes e estrangeiros.

Importação directa de artigos da Madeira: obra de verga, bordados, rhum e vinho (qualidade garantida).

Unico deposito dos vinhos espumosos da Associação Vinicola da Bafurada.

Representante da casa Beirão, de Lisboa, encarrega-se de mandar vir bicyclettes **Clement** e machinas de costura **Memoria**, bem como todos os accessorios para as mesmas.

Lonças de porcelana, quinquilbarias, bijonterias, perfumarias (importação directa).

Flores artificiaes e cordas funerarias.

Ampliações photographicas. Encadernações.

N. B.—Não se aviam encomendas que não venham acompanhadas da respectiva importancia.

FABRICA A VAPOR

DE

MOAGEM DE TRIGO E MILHO

DE

Manuel Homem de C. Christo

Vendas de farinhas, e sêmeas

Compras de milho, e trigo, tanto por junto como a retalho

RUA DA ALFANDEGA

AVEIRO

OFFICINA DE CALÇADO

DE

João Pedro Ferreira

AOS BALCOES—**AVEIRO**

NESTA antiga e acreditada

José Gonçalves Gamellas

A' PRAÇA DO PEIXE

Neste estabelecimento encontra-se á venda o apreciado **Vinho de Bucellas** importado directamente de casa do lavrador.

A 160 RÉIS A GARRAFA

SAPATARIA AVEIRENSE

DE

Marques d'Almeida & Irmão

AOS BALCOES

Garante-se a perfeição e solidez. Preços modicos